



Parte 3  
Depoimento



# No centenário de Pedro Nava, a lembrança de dois encontros memoráveis

Melânia Silva de Aguiar\*

## Resumo

Este depoimento tem como objetivo rememorar dois encontros com o escritor Pedro Nava, um em Montevidéu, outro em Belo Horizonte, buscando com isso tornar mais conhecidos aspectos do modo de ser do autor, cujo centenário se comemora este ano.

Palavras-chave: Pedro Nava; Centenário; Depoimento; Memorialismo; Autobiografia.

E ela – vida – se lhe afigurava ora como um descampado onde tudo podia ser visto, ora, como na imagem euclidiana, o duro morro subido de cuja crista fio de faca se enxergava: ladonascete, luz pregressa, e do outro, só escuridão e bruma. E quando seria? Seu encontro em Samarcanda...  
(NAVA, *Cera das almas*)

Conheci Pedro Nava em 1980, em Montevidéu, nas comemorações dos 40 anos do Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro (ICUB), de que eu era então diretora. Nava aí esteve fazendo uma palestra, a convite do Instituto e da Embaixada do Brasil em Montevidéu, através de seu conselheiro cultural, José Guilherme Merquior, orquestrador incansável dessas comemorações.

Vários eventos marcaram a passagem dos 40 anos do ICUB (na América, o mais antigo dos centros culturais brasileiros, vinculados ao Itamarati): conferências, entrevistas em rádios, jornais, números especiais de suplementos de periódicos dedicados à literatura e à cultura brasileira em geral etc. Entretanto, a palestra de Nava, realizada no auditório do Instituto, lotado de alunos uruguaio, diplomatas brasileiros e um público cativo das programações da Casa, marcou de modo especial essas comemorações. Na fala mineira, pausada de Nava, era o Brasil inteiro que vinha pa-

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ra dentro daquela sala, com seu dia-a-dia interiorano, os entrelaçamentos genealógicos, os espaços urbanos em mutação, os procedimentos médicos de um tempo superado, a euforia das receitas caseiras etc.<sup>1</sup> E, com isso, a fala do escritor sobre seu processo de criação, sua iniciação na escrita memorialística, suas leituras de cabeceira e inspirações da vida inteira, como Proust e Euclides da Cunha. A voz, e com ela toda uma maneira de se expressar, eram bem dele, inconfundíveis: misto de jocosidade contida, em dicção esparramada, mais para grave, de quem se delicia com o arrastado meio caipira da própria fala e que parece não ter intenção nenhuma de ser engraçado, mas sendo-o onde menos se espera, permanecendo sério mesmo quando a platéia explode em risos diante das situações narradas, esdrúxulas, impensáveis mesmo, evocadas no seu verbo fácil e fascinante.

Nava tinha esse dom da graça obtida da observação atenta das pessoas, dos costumes, dos fatos que acontecem “debaixo dos panos”, ou até aos olhos de todos, mas passando despercebidos a olhares menos argutos. Associando o dom inato da percepção visual, que ele próprio reconhece em si, ao interesse pelo outro, à fina observação dos sentimentos manifestos às vezes num simples modo de olhar ou de sorrir, Nava reconstitui um traço familiar recorrente, um comportamento, uma intenção...

Leitor de corpos e de almas, tece o seu imenso painel memorialístico com a lembrança viva desse somatório de experiências armazenadas durante uma vida inteira. Dessa mirada irônica, que vai fundo como um bisturi, não se isenta ele próprio, entre sério e “gozador”, freqüentemente escrutando sua própria mente ou intenção.

Tanto o Nava das palestras quanto o das conversas em círculos mais restritos, é sempre o excelente *causeur*, que deixa seus ouvintes em estado de graça, presos à sua verve sedutora. Identifica-se assim com o Nava dos primeiros livros, pelo menos até **Beira-mar – memórias 4** (1978). Com todas as dificuldades ou desilusões sofridas, é o otimismo que prevalece nessa fase.

A partir de **Galo das trevas – memórias 5** (1981), a que se seguem **O círio perfeito – memórias 6** (1983) e o inacabado **Cera das almas** (póstumo),<sup>2</sup> parece que algo se rompe e, pelo menos nos escritos (não nas palestras), é um narrador mais para sarcástico que para engraçado o que vai surgindo, roído por lembranças ruins, de ingratidões, de “sacanagens” de que é vítima, levando-o à criação daqueles pseudônimos sugestivos, carregados de virulência, que enchem as páginas dos últimos livros: Variolandopiteco Tucunduva, Alastrim Chichorro, Josino Raposo, Sacanagildo Goiba, J. Capacho Bizarro Sintagma, Arquimino Pascácio Vibrião Colérico etc.

<sup>1</sup> Como bem observa José Maria CANÇADO (2003), em sua tese **Memórias videntes do Brasil**; a obra de Pedro Nava, recentemente defendida na PUC Minas, e já publicada, o memorialista “estava implicado inteiramente nesse perscrutar o rosto do Brasil, no qual via, objetivando na nossa formação social e histórica, e na vida e história da sua gente, o seu próprio rosto” (p. 54).

<sup>2</sup> Suas poucas páginas foram publicadas por Caio Villela NUNES, em 1994, no seu livro **Partilhar lembranças do meu mundo**.

No tempo de sua ida a Montevideú, acompanhado da mulher, Nieta, Nava deu notícia dos próximos livros a sair, **Galo das trevas** e **O círio perfeito**. Parecia entusiasmado com o projeto desses livros e, com prazer visível, explicou minuciosamente o sentido litúrgico das expressões que lhes dão título. Refere-se principalmente ao último com o entusiasmo de quem se vê ainda presa da escrita. Nada faz suspeitar em sua fala o azedume de que se revestem essas páginas, azedume já presente em parte de **Galo das trevas**, nessa época certamente concluído, mas ainda não publicado. Na palestra e no almoço que lhe é oferecido no dia seguinte em casa de José Guilherme Merquior, é sempre o alvo das atenções, a lembrar sobretudo a Minas dos anos 20 e 30, dos amigos dos tempos de estudante de medicina e do Café Estrela, do conterrâneo Juscelino Kubitschek, de quem ressalta a alegria e a simpatia, e de tantos outros.



Revi Pedro Nava em 1982, quando, estando eu de volta a Belo Horizonte, reintegrada às minhas funções na UFMG e à frente do Centro de Estudos Portugueses (Cesp), da Faculdade de Letras, convidei-o a participar do ciclo de palestras “O narrado e o vivido”, idealizado por esse Centro. Desse ciclo participaram Guilhermino César, Ciro dos Anjos, Vivaldi Moreira. A vinda de Nava, que atendeu com solicitude a nosso convite (havia mesmo entusiasmo de sua parte), foi minuciosamente preparada. Em carta detalhada ele explicava quem gostaria de ter entre os convidados. Uma longa lista com endereços foi-me passada, com recomendação expressa de convite pessoal e confirmação. Queria rever familiares, antigos colegas, amigos que aqui continuavam e que tinham resistido à tentação de sair para maiores centros (o que, de certa forma, lamentava ter sucedido consigo).<sup>3</sup> Praticamente todos os “listados” compareceram ao encontro. Aqui, mais do que em Montevideú, o auditório foi pequeno para conter os convidados e os professores e alunos da Faculdade de Letras, assentados nas laterais, no chão, por toda parte.

Encontro memorável! Nava esteve nessa noite esplêndido. Às perguntas provocadoras de algum colega, lembrando episódio pouco lisonjeiro da juventude, Nava escapulia esmertamente, sempre com a resposta espirituosa na ponta da língua. Também sua obra e seu processo de criação foram objeto de perguntas da parte de professores e seus leitores ali presentes: entre outros, Maria José de Queirós, Letícia Malard, Antônio Sérgio Bueno...<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Nesse encontro, gravado e posteriormente transcrito por iniciativa da então diretora do Cesp/UFMG, Profa. Lélia Parreira DUARTE, Nava falaria de dois arrependimentos; “primeiro: ter saído de Belo Horizonte. Não é pra agradar a platéia aqui não, mas eu hoje me arrependo. (...) Segundo: ter deixado a clínica interna, para a qual, modéstia à parte, eu estava perfeitamente preparado, por uma especialidade” (1994, p. 115).

<sup>4</sup> Este último seria autor, anos mais tarde, de tese sobre Pedro Nava, depois publicada, **Vísceras da memória** (1997).

Na sala apinhada, crepitante de vida, num desses momentos raros de fraternal convívio, ninguém, ninguém mesmo poderia suspeitar do ato trágico com que, dois anos depois, nosso conferencista poria fim à vida. Lembro-me de que, ao término da sessão que teimava em não acabar, à saída do auditório, D. Nieta comentou, com um tapinha amistoso no ombro do marido, cercado de amigos: “Então, Nava, você está mesmo como quer...”.

De fato, este encontro de 1982, em Belo Horizonte, teve para Pedro Nava um sentido especial. Em carta enviada dias depois, agradecendo a acolhida do Centro de Estudos Portugueses, comentava ter sido aquela a melhor experiência que tivera em público, falando de sua obra, e que o encontro lhe dera grande alegria.

Hoje, fico pensando se esse encontro, tão minuciosamente preparado pelo escritor, debaixo de tantas recomendações, não teria sido um modo de se despedir de um tempo feliz, passado em Belo Horizonte. A convocação expressa de amigos e familiares, a rememoração conjunta de tantos fatos vividos em comum era uma forma de fazer voltar o tempo, de reviver os bons momentos da juventude; mas era também – como hoje o vejo – um preâmbulo a outro encontro, aquele ao qual se refere cifradamente em vários pontos de sua obra, encontro derradeiro em lugar cheio de mistério até pelo nome que o evoca, Samarcanda.

E é Egon/Nava quem, sentindo o “friúme” no corpo de oitenta anos, inicia o livro inacabado, **Cera das almas**, conjecturando sobre a vida, de um lado “luz pregressa e, do outro, só escuridão e bruma”. E, dando seqüência à sua conjectura, faz-se a pergunta sempre presente: “E quando seria? O encontro em Samarcanda...”.

Ele próprio, que tempos antes comparara a vida a um relâmpago, lamentando sua brevidade, decidiu por tornar a sua mais breve,<sup>5</sup> fixando a data desse encontro final – 13 de maio de 1984 – como se, fixando-a, estivesse tecendo o próprio destino. Lembre-se uma das epígrafes de **Beira-mar**:

Pastor de palavras festivas como sinos  
Que tocam no embalo do ciclo imaginário  
Com que suplanto a morte e teço o meu destino.  
(João Carlos Teixeira Gomes. “Dezembro”)

---

<sup>5</sup> Pedro Nava, que estaria completando em 2003 cem anos, nasceu a 5 de junho de 1903; morreu, portanto, próximo de completar 81 anos.

## Abstract

This testimony intends to remember two meetings with the Brazilian writer Pedro Nava, the first in Montevideo, the other in Belo Horizonte, in order to become known some aspects of the author's personality, whose centenary is being celebrated this year.

Key words: Pedro Nava; Centenary; Testimony.

### Referências

AGUIAR, Melânia Silva de. Conversa com Pedro Nava – 1982. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, FALE / UFMG, v. 14, n. 17, jan./jul. 1994.

BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

CANÇADO, José Maria. **Memórias videntes do Brasil**; a obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NUNES, Caio Villela. **Partilhar lembranças do meu mundo**. Rio de Janeiro: Notrya, 1994.